



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



RIO DE JANEIRO, 16 DE NOVEMBRO DE 1959

AO ACOLHER UM GRUPO DE VINTE E SEIS JORNALISTAS NORTE-AMERICANOS, SOBRE QUESTÕES DE POLÍTICA INTERNA E EXTERNA.

Tenho muita satisfação em tomar contacto direto com este numeroso grupo de homens da imprensa norte-americana. Reputo preciosa esta oportunidade de poder dizer-lhes que a causa de um melhor entendimento e de uma colaboração mais íntima depende, em grande parte, da formação de uma opinião pública mais receptiva, nos Estados Unidos, para os nossos problemas. Jornalistas democráticos, filhos de um país livre, sei bem que apreciareis como construtiva a franqueza com que vou falar-vos. Sois acusados, de maneira genérica, de ajudar a manter o que já foi denominado "muro de silêncio" que separa do resto do Continente

815

a opinião pública do vosso país. Constantemente, tenho ouvido dizer que só concedeis espaço em vossos jornais ao que nos acontece de catastrófico, a algumas turbulências que ocorrem vez por outra nos países latino-americanos e, gentilmente, a alguns aspectos da nossa vida, vistos sob o ângulo pitoresco. Queixam-se de que considerais desinteressante para os vossos leitores entretê-los com o nosso esforço para lograrmos desenvolver os nossos países, embora tal esforço seja às vezes heróico e lembro o que foi realizado pelo vosso país para alcançar a posição que hoje ocupa no mundo. Sei dar, porém, o justo valor a tôdas essas apreciações que vos envolvem, meus caros jornalistas norte-americanos. Reconheço que, por maior que seja o espaço que tendes à vossa disposição em vossos jornais e nos demais órgãos de relações públicas, é sempre reduzido em vista da multiplicidade de assuntos e da crescente aproximação de tôdas as partes do mundo nos dias de hoje.

816

Mas êsse reconhecimento, ou explicação de vossas dificuldades pela avalanche de notícias que vos assalta ininterruptamente, não me impede de fazer-vos um apelo no sentido de cooperar na luta pela harmonização e por um melhor entendimento entre as Américas. O que deve unir-nos, a todos, não são apenas os interesses que as cifras podem traduzir. É necessário que os jornalistas dos Estados Unidos situem o problema das relações do seu país com as demais nações latino-americanas dentro de uma linha de maior compreensão. Não há diálogo possível quando não nos dispomos a ouvir as razões daqueles com quem dialogamos, e insistimos apenas em manter os nossos pontos de vista, as nossas razões e os nossos raciocínios. Ninguém desconhece a generosidade global da ação norte-americana no mundo, nem o imenso papel representado pelos Estados Unidos na defesa e preservação da vida democrática. Mas, do ponto de vista regional, seria

impossível desconhecer que começa a criar-se uma espécie de zona de indiferença ou de frio; e que êsse frio e essa indiferença são extremamente prejudiciais, pois nenhuma grande obra global ou universal é justa e fecunda quando dá margem a desentendimentos e incompreensões dentro da própria família e da própria vizinhança. Essa família e essa vizinhança não representam apenas uma condição geográfica, mas, muito mais do que isso, uma relação íntima, nascida do fato de sermos um Mundo Novo, de pertencermos na História, por assim dizer, a uma mesma geração. Participamos, além disso, da crença de que o nosso desenvolvimento pode e deve ser conseguido dentro do respeito à liberdade e da concepção democrática da existência das sociedades humanas.

Como Presidente do Brasil, que jamais se esquece de ser um homem do povo, desejo a vossa colaboração, que julgo indispensável na derrubada definitiva dêsse muro de silêncio, tão prejudicial à nossa fraternidade.

817